

Educação de Brasília diante de uma denúncia

Fundação sabe (e lamenta) que faltam professores e higiene

Wilson de Oliveira

da Editoria de Cidade do Jornal de Brasília

Admitindo que a Fundação Educacional do Distrito Federal enfrenta, em algumas escolas, a falta de professores, seu diretor geral de Administração, Nelson Braga, afirmou ter pleno conhecimento dos problemas que afetam, atualmente, o Ginásio do Lago Sul, denunciados pelo senador Itamar Franco, na semana passada.

— Para sermos mais exatos, em 31 de março já dispunhamos de um detalhado relatório sobre aquele estabelecimento, segundo o qual faltavam no seu quadro um professor de matemática com carga de 20 horas semanais, um de inglês, com seis horas, outro de física, com oito horas e um de ciências com seis horas.

Quanto às outras falhas apontadas pelo senador mineiro (as observações feitas pelo parlamentar, sobre o colégio, foram bem recebidas em alguns setores da Secretaria de Educação e da Fundação Educacional), Nelson Braga explica que na área administrativa do estabelecimento, a inspeção feita mostrou que não há necessidade de maior número de pessoal. Quanto à falta de material de limpeza, este é um problema sentido em quase todos os estabelecimentos de ensino do Distrito Federal, o qual será sanado nos próximos dias.

Detendo-se com maior atenção no caso específico do Ginásio do Lago Sul, Nelson Braga e seus assessores diretos, observaram que estabelecimentos daquele tipo, com um reduzido número de alunos, representam, na verdade, uma pequena fonte de problemas para a Fundação Educacional, principalmente no que diz respeito aos professores.

— Se por um lado a FEDF não pode deixar um professor à disposição da escola sem que ele cumpra o seu horário regulamentar de trabalho (observe-se que foi citado anteriormente o tempo de trabalho que teria cada professor que suprisse as necessidades atuais do colégio), que é de 20 horas semanais, quando aquela necessidade não passa de seis horas, por outro há o próprio professor.

Segundo ele os professores (isto se dá geralmente quando o professor é mais antigo "de casa") se opõem, ou mesmo se negam terminantemente, a assumir cargas residuais em estabelecimentos diversos daquele em que está lotado.

— Assim sendo, continua, se temos um professor no colégio Elefante Branco, e surge uma necessidade como é o caso do Ginásio do Lago Sul, aquele, mesmo ganhando mais para isso, não quer, sob a alegação de que não compensa, trabalhar mais algumas horas por semana.

Diante desse impasse, a Fundação Educacional, se vê, volta e meia, em face de um problema que a princípio parece não ter solução. Nelson Braga, no entanto, afirma categoricamente que há a solução, e que esta virá nos próximos dias, tanto para o caso isolado do Ginásio do Lago Sul, quanto para outros estabelecimentos.

— Nós estamos convocando 350 novos professores concursados, para assumirem seu posto na Fundação Educacional, tanto do primeiro quanto do segundo grau, e se destinam, por um lado, ao preenchimento das lacunas existentes, possibilitando, ao mesmo tempo, que atendamos às necessidades de expansão da rede de ensino do DF. Ainda sobre o Ginásio do Lago

informa-se que algumas modificações deverão ser introduzidas como a transferência de turnos em face do pequeno número de alunos em algumas salas, que às vezes chegam a ter só 17 jovens. Ao todo, o Ginásio do Lago tem 222 alunos em três turnos, que poderão ser transformados em dois casos sejam tomadas aquelas medidas.

Nelson Braga chama atenção para a diversidade de problemas nos quais está passiva uma organização como a Fundação Educacional que conta com 400 prédios e 15 mil funcionários, e que apesar de contar com o maior quinhão no orçamento do Distrito Federal, padece da falta de recursos. Além do mais, explica, é preciso pensar também na responsabilidade do órgão para com a população e com o seu crescimento.

— O Governo do Distrito Federal, e todos sabem disso, dedica especial atenção ao setor educacional. Nós dispomos de uma expansão planejada e, o que é inédito no país, implantamos o ensino de primeiro grau totalmente, o que nem o Estado de São Paulo conseguiu fazer. Aqui não se limita a oferta de vagas à capacidade da rede, mas sim, condicionamos nossas capacidades à demanda de vagas, o que, se parece fácil à primeira vista, não o é na prática.

A filosofia do secretário de Educação, Wladimir Murtinho, segundo o diretor geral de Administração da FEDF, é "criar o problema para que se possa solucioná-lo".

Concluindo, Nelson Braga afirma que esse problema da falta de professores foi bastante acentuado este

ano, o que parece ter sido reflexo dos incentivos dados a aqueles profissionais. "O índice de rescisão de contratos foi mínimo, ficando em torno de 1,5%, o que, traduzido em números, mostra que apenas 133 professores decidiram deixar a FEDF, pouco expressivo, já que o quadro é de 10 mil, embora não esteja completo (está em torno de 9.400).

— Voltando ao problema da falta de material no Ginásio do Lago Sul, denunciada pelo ilustre senador Itamar Franco, finalizou, é preciso que se faça uma observação, que deveria ser analisada pelos pais.

Nós somos um órgão público e portanto não podemos simplesmente, à falta de detergente, por exemplo, numa escola, mandar um funcionário comprar num supermercado. Dependemos dos recursos disponíveis, do orçamento, de concorrência e de autorização. Afinal de contas existe o Tribunal de Contas do Distrito Federal para fiscalizar o cumprimento de todos os dispositivos. Por isso, às vezes demoramos em mandar esse material às escolas.

Agora, se os pais dos alunos reconhecessem o nosso problema, poderiam nos ajudar, sanando a dificuldade temporariamente, até que providenciássemos aquele material. Os pais não precisam de toda essa burocracia para comprar um galão de detergente para ser usado na escola onde estudam seus filhos.

Muitos não entendem, observa, e pensam que queremos passar-lhes o encargo de conservar a escola. Não é nada disso, pois o que queremos é que haja participação.

Bê-a-bá da educação de Brasília

A Fundação Educacional foi criada com o objetivo de desburocratizar o ensino de Brasília, que, dessa forma, nasceu auspiciosamente: não estava submetido à formalidade do clássico serviço público brasileiro, mas, à leveza e funcionalidade de uma empresa moderna e dinâmica.

A única diferença entre a fundação - que se encarregaria do ensino em Brasília - e uma empresa, que buscasse êxito de produção e produtividade nos seus fins, estava em apenas dois pontos: a Fundação não procuraria lucros e visaria antes e acima de tudo a qualidade do seu trabalho.

Dezesseis anos depois da criação de Brasília não se pode dizer que a Fundação Educacional foi fiel ao seu projeto. Muito pelo contrário. Contraiu todos os vícios da burocracia. É uma máquina emperrada, apesada à "tradição" - criada artificialmente em tão poucos anos de existência - e, principalmente, incapaz de resolver problemas simples, como contratar um professor, remover outro de uma escola para outra e o que é mais grave, prover a higiene das escolas com material necessário.

No caso do Ginásio do Lago Sul, vemos que a impotên-

cia da Fundação se revela clara e indiscutível.

A Fundação informa, com todas as letras que nada pode fazer quando faltam professores numa escola:

"Os mais velhos de casa não aceitam lecionar, fora de sua carga horária normal (20 horas semanais) em outro estabelecimento que não seja aquele em que esteja lotado.

Dessa conclusão surge a pergunta: E como resolver, por exemplo, o problema do Ginásio do Lago? Resposta pronta do Diretor de Administração da Fundação Educacional: Com a contratação de novos professores, o que já está sendo feito. E explica: "Os novos professores são manobráveis mais facilmente, pelo fato de estarem começando num emprego novo, e por isso aceitam nossas determinações".

Daí a conclusão final: Vive a Fundação Educacional num eterno círculo vicioso, já que em cada final de ano siem alguns professores, outros participam do processo de remoção, através de concurso, e, no final da história, muitas escolas acabam ficando sem professores, até que sejam contratados outros, que por sua vez serão manobráveis, mas que também ficarão "velhos de casa".

... e quando tudo vai bem, sai o diretor

Yvonne Jean

especial para o Jornal de Brasília

Há uma história exemplar sobre o ensino de Brasília, ocorrida no curso supletivo noturno da Escolinha da SQS 308, onde os 308 alunos matriculados experimentavam uma rara experiência de ordem, disciplina e compreensão de uma direção dedicada e competente.

Um diretor exemplar tornava exemplar o Supletivo da SQS 308.

Trouxe para a escola seus próprios aparelhos de televisão, rádio e toca-discos. Instalou, entre outros, um Cantinho da Amizade, no pátio, onde colocou a TV debaixo das árvores; criou uma sala de recreação onde se podia ouvir música, notícias e realizar alguns jogos; melhorou a biblioteca, pedindo mais livros.

Este diretor, respeitado por professores e alunos, acaba de ser demitido. Voltou a lecionar Matemática, que é sua matéria. ("Para mim foi ótimo, declarou-me um dos alunos do Supletivo da SQS 308 - "pois é o melhor professor de Matemática do mundo. Ate consegue tornar compreensível esta complicada matemática moderna!")

Mas, voltando aos fatos, por que pediu demissão? Porque ficou sozinho para dirigir, administrar e resolver todos os problemas de um curso noturno com mais de 300 alunos.

Havia, antes, oito funcionários na Secretaria Executiva, para cuidar de tudo que é paralelo ao ensino propriamente dito. Pouco a pouco esta secretaria burocrática foi murchando, apesar do aumento do número de alunos e, nos últimos tempos, após a retirada pela Fundação de seis destes

funcionários, só restaram, para cuidar de toda a administração, o diretor e uma secretária.

Assim mesmo, ninguém se queixou e o curso supletivo foi para frente. Há poucos dias, acabam de transferir a secretária que lá trabalhava há quatro anos e bem conhecia os problemas cotidianos do Supletivo 308, para um complexo onde, segundo parece, nada ou quase nada tem para fazer.

Parece que idéia da transferência partiu da diretora do ensino diurno. De qualquer maneira e de onde que tenha vindo a decisão, é estranha pois não foi devida a nenhuma queixa sobre o trabalho ou atuação da secretária.

O diretor, que permaneceu completamente só, para cuidar, tanto do lado burocrático e administrativo da escola, quanto da organização prioritária do ensino em si, demitiu-se e voltou a ensinar, deixando o curso acéfalo.

Mas, onde se viu um curso sem direção, administração, encarregado da inevitável burocracia, cartas, etc? Além do mais, neste caso particular, o recém-organizado ensino para-escolar (biblioteca, discoteca, etc.) parou (sem trocadilho!) e, evidentemente, a televisão, toca-discos e rádio trazidos pelo ex-diretor foram retirados.

Expus a situação tal qual me foi contada por um grupo de alunos e confirmada por uma das responsáveis. Acredito que caberia agora à Fundação Educacional apurar os fatos e, caso tudo que acima está dito fique comprovado, tomar medidas antes que este colégio supletivo caia de nível e eficiência e afaste muitos dos seus alunos.